

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM INTEGRAL,
SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

MÁRCIA APARECIDA TINOCO PEREIRA CAETANO

**MONITORIA: COLABORAÇÃO ASSISTIDA
IDAS E VINDAS PARA UM PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM COLABORATIVO**

São Leopoldo, RS

Ano 2018

MÁRCIA APARECIDA TINOCO PEREIRA CAETANO

**MONITORIA: COLABORAÇÃO ASSISTIDA
IDAS E VINDAS PARA UM PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM COLABORATIVO**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Orientadora: Profa. Dra. Daianny Madalena Costa

São Leopoldo, RS
Ano 2018

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é levantar informações que contribuam para melhor compreensão dos casos de êxito na recuperação acadêmica dos alunos, que, além de participarem das aulas de Tutoria no Colégio Santo Inácio/RJ, também recebem ajuda de seus colegas. Este estudo se concentra em observar a relação dos alunos com o saber e como pode se estabelecer um ambiente de ensino-aprendizagem colaborativo. As ponderações e as análises feitas estão alicerçadas em um arcabouço teórico sócio-interacionista que dialoga com a realidade em que estão inseridos os participantes do processo, inclusive a pesquisadora. No intuito de melhor compreender o que realmente pensam e sentem os discentes envolvidos, foram aplicados dois instrumentos de análise: questionário e entrevistas com alunos monitores voluntários e alunos assistidos por seus pares. Os resultados apontam o reconhecimento da importância do professor em sala de aula como um primeiro contato com o conhecimento pretendido. Os estudantes assinalam, contudo, que há momentos em que receber a ajuda de um colega, academicamente mais preparado, é um diferencial no seu processo de aprendizagem. Do mesmo modo, os alunos monitores reconhecem que também são beneficiados ao partilhar conhecimento com os colegas auxiliados, pois reforçam o conteúdo trabalhado e podem pensar em outras possibilidades de aprendizagem do mesmo assunto. Os dados apontam para a Tutoria como um ambiente alternativo e disposto a acolher todo aquele que necessita de apoio acadêmico e que não pode ficar sem assistência. É evidente a disponibilidade de alunos monitores voluntários neste projeto de educação, que procura ampliar a possibilidade de êxito acadêmico dos discentes com dificuldades e acredita na educação que vai além do acadêmico.

Palavra-chave: Educação. Tutoria. Ensino-aprendizagem. Pedagogia Inaciana.

ABSTRACT

The objective of this research is to gather information that contribute to a better understanding of the cases of success in the academic recovery of the students, who, besides taking part in tutorial classes at the Colégio Santo Inácio/RJ, also receive help from their peers. This study focuses on observing students' relationship with knowledge and how a collaborative teaching-learning environment can be established. The reflections and analyses are based on a theoretical socio-interactionist framework that dialogues with the reality in which the participants of the process, including the researcher, are inserted. In order to better understand what the students involved really think and feel, two analytical tools have been applied: questionnaire and interviews with volunteer student monitors and students assisted by them. The results point to the recognition of the importance of the teacher in the classroom as a first contact with the intended knowledge. Students note, however, that there are times when receiving the help of a fellow student, academically more prepared, makes a difference in their learning process. Likewise, the student monitors recognize that they are also benefited by sharing knowledge with their peers, because they reinforce the content worked and can think of other possibilities of learning the same subject. The data point to Tutoria as an alternative learning environment, willing to welcome anyone who needs academic support and who cannot be left without assistance. It is evident the importance (?) of volunteer student monitors in this education project, which seeks to expand the possibility of academic success of students with difficulties and believes in education that goes beyond the academic.

Keyword: Education. Mentoring. Teaching-learning. Pedagogia Ignatia.

1 – INTRODUÇÃO

O Colégio Santo Inácio (CSI) educa jovens na cidade do Rio de Janeiro há mais de 100 anos e, ao longo de sua jornada, sempre esteve presente o objetivo de manter, com clareza e firmeza, sua linha pedagógica como instituição educacional inserida na obra apostólica que contribui na missão evangelizadora da Igreja, que procura fortalecer sua proposta no âmbito confessional, não perdendo sua identidade, seu Magis¹, tendo a espiritualidade inaciana como eixo fundamental do processo. O CSI, atento aos sinais dos tempos, às transformações da sociedade, às novas demandas do mercado, sugere uma renovação permanente, investimento nos estudos e atualização do corpo docente, no acompanhamento e integração das variadas áreas que compõem a instituição. A escola tem um olhar ampliado, acompanha de perto os movimentos de mudança, mas sem perder seu caráter identitário. Acima de tudo, é sua intenção corresponder à proposta de uma formação integral (KLEIN, 2015), preocupada com a transformação social e na construção de um cidadão ético no contexto da nossa sociedade.

Sendo uma instituição da Companhia de Jesus, o CSI acredita no poder de transformação que a Educação tem na vida de seus alunos. Uma educação que vai além do acadêmico, que persegue, como uma de suas principais metas, a formação integral da pessoa humana. Seus valores e princípios educacionais estão focados na formação do sujeito, baseados nas contribuições da Pedagogia Inaciana (1993). Sob esta perspectiva, o compromisso é o de educar seus alunos, e toda a comunidade, para o cultivo da solidariedade, considerando a realidade humana em seus diferentes contextos, ou seja, equilibrando as exigências curriculares sem perder de vista a sua filosofia educativa voltada para a humanidade e para a justiça social (KLEIN, 2015).

A escola aqui estudada também orienta quanto a valores, higiene, comportamento, relacionamentos, conquistas e frustrações. Há, portanto, uma intercessão entre os espaços colégio-casa. Não se pode ignorar o fato de que os responsáveis muitas vezes atribuem à escola, aos professores e coordenadores, ações que deveriam ser mediadas por eles se colocadas no contexto familiar. Nesse sentido, concordamos com Charlot (2000) quando ele trata do papel que

¹ Segundo Klein, Magis é um conceito fundamental na espiritualidade inaciana e na pedagogia dos Jesuítas dela decorrente. Procede da consideração inicial dos Exercícios Espirituais, denominada Princípio e Fundamento. Segundo Arzubialde, o “mais” é a docilidade à vontade divina, assim como o “mais” da relação positiva do homem com as coisas e o horizonte inesgotável de liberdade e o chamado à comunhão com um Deus sempre maior (Klein, 2002, p.19). Podemos dizer, ainda, que o Magis é uma atitude permanente de incômodo com o que já conseguimos, o que nos leva a uma constante procura do aperfeiçoamento na promoção da justiça.

as mulheres passaram a exercer no contexto atual, contribuindo efetivamente na renda familiar. Estamos em uma sociedade em que os pais compartilham o sustento da casa. Então, há o deslocamento da mãe a outro contexto de atuação, além do familiar. Por consequência, eles têm menos tempo para estar junto a seus filhos e ajudá-los em suas dificuldades, delegando a outros membros da família ou a funcionários funções que caberiam essencialmente aos genitores.

Diante dessa realidade, muitos alunos passam boa parte do tempo no computador, diante da televisão ou em inúmeras atividades complementares que ocupam todo seu tempo, preenchendo o espaço que seria um momento de interação familiar. É preciso aceitar que o mundo mudou e, principalmente, entender quais suas implicações no nosso cotidiano escolar.

E assim nos perguntamos sobre quem são os alunos do século XXI? Quem são e como são suas famílias? Nossos alunos são vistos pelas mídias como consumidores em potencial, deixando de ser sujeitos (SANTOS e GROSSI, 2007). Nesse sentido, são bombardeados por um marketing, muitas vezes desleal, uma vez que só enxerga o seu objetivo que é fazê-los consumir, deixando de observar quais são suas reais necessidades. Consumir torna-se tão sedutor que os objetos passam a ocupar um lugar de destaque na existência humana (SANTOS e GROSSI, 2007): é a marca da roupa ou de um acessório, o novo modelo de celular, a viagem dos sonhos, ou uma simples caneta da moda.

O Colégio Santo Inácio, que está na contramão desta cultura consumista, tomou para si o desafio de desenvolver, cobrar e vivenciar valores que fortaleçam os laços afetivos, as inter-relações humanas e a formação de uma cidadania mais consciente. O bom exemplo, o repertório oferecido por seus educadores e as propostas são, muitas vezes, insuficientes diante da propaganda da mídia e da sociedade de consumo. Há conquistas. Há alunos que reconhecem, valorizam e se encantam, mas não é a maioria. Além do mais, muitos adultos compraram essa ideia de consumo. Eles também estão perdidos em como se pode deixar alguém feliz. Por isso, compram e dão tudo aos filhos, sem medir a real necessidade. E assim, tentam de todas as maneiras, proporcionar às crianças a sensação de uma plenitude e de uma felicidade tal, que desconsidera a possibilidade de insatisfações e frustrações (SANTOS e GROSSI, 2007).

Os alunos do século XXI são sujeitos altamente competentes no que se refere às “mídias tecnológicas sociais”, falam com quem querem, no momento que desejam. Há o uso indiscriminado, e estimulado pelas famílias, de recursos eletrônicos, como telefone, televisão,

videogame, computador, de maneira que passem o tempo distraídos e não demandem atenção de seus pais, enquanto estes estão ocupados (SANTOS e GROSSI, 2007). Eles têm acesso às informações, mas quase sempre sem acompanhamento de um adulto. Não conhecem os limites das fronteiras que envolvem suas escolhas. Quase não há filtro em suas entradas na internet, por isso sofrem toda ordem de influências.

Em sala de aula, os alunos não se sentem intimidados e discutem suas ideias, defendem seus pontos de vista e argumentam, na maior parte das vezes, com propriedade. São interlocutores competentes e que buscam mostrar-se à altura de seus mestres. Contudo, muitas vezes, quando não se percebem atendidos ou são desafiados diante do grupo, estes mesmos jovens sentem dificuldades em lidar com as diferenças, em digerir as frustrações, em negociar situações adversas (KARNAL, 2016).

Não se percebe carência de informação, muito pelo contrário, há um “bombardeio” de informações e estímulos de todos os lados e, muitas vezes, sem mediação e participação dos responsáveis. A sensação relatada por alguns alunos, em conversas rotineiras na Coordenação de Série, é a de que sempre há muita coisa a se fazer e não dá tempo de concluir as tantas tarefas que compõem sua rotina. Não há ócio, descanso, ou seja, não há tempo para distração, fruição, para o prazer. Eles estão sempre atrasados com relação aos estudos e suas obrigações diárias. No entanto, estes adolescentes passam horas por dia diante da televisão ou de jogos no computador, ou no videogame, ou nas redes sociais, através do celular, sendo expostos a todo tipo de publicidade e de outras influências que nem sempre são apropriadas à formação e à faixa etária do público infante-juvenil. Estes meios de comunicação acabam exercendo um controle que atinge a saúde física e mental, a educação, a criatividade e, sobretudo, os valores sobre os quais o indivíduo se constituirá (SANTOS e GROSSI, 2007).

O professor sozinho não é mais a fonte do conhecimento, e mesmo que nunca tenha sido, era assim que ele se via e era visto. Percebe-se que o professor está sendo deslocado da centralidade frente ao conhecimento. Hoje ele é convocado a ser um mediador. O aluno contemporâneo pode acessar qualquer informação em segundos. Pode trocar com seus pares e ampliar o universo informativo rapidamente. Mas precisa saber o que fazer com tantos elementos. A questão é entender como e em que circunstâncias um aluno pode aprender mais e melhor, com seus professores, com seus colegas, com ele mesmo (Charlot, 2000). A informação está disponível em diferentes espaços e formas que podem ser bem mais motivadores que em

uma sala de aula tradicional. Então, não precisamos mais de professores? Sim, e muito. São eles os sinalizadores de caminhos, de perspectivas, e seu papel é orientar os alunos em suas escolhas, sem impor suas ideologias, sem impregná-los com um olhar tendencioso ou particular, respeitando sempre, suas histórias, suas experiências, sua constituição. Cabe ao educador partir do conhecimento prévio e da experiência dos alunos, para articular novos saberes, significativos e efetivos, na trajetória escolar de seus educandos (CHARLOT, 2000).

A sala de aula tradicional não é suficiente. Há um desejo, uma necessidade até, de vivenciar outros espaços de aprendizagem. Acredita-se que o aluno aprende mais e melhor, segundo seus interesses e motivações, em diferentes ritmos e de diferentes formas, a partir das necessidades específicas decorrentes das condições apresentadas por ele (CHARLOT, 2000). Ou seja, há alunos, com experiências muito singulares, com vivências específicas com o aprender, que necessitam de um tempo maior para processar o conhecimento oferecido e nem sempre o espaço em que ele se sente motivado é o da sala de aula convencional. A saída passa a ser a de atribuir à escola a tarefa de preparar os indivíduos para estarem aptos a aprenderem aquilo que for necessário em determinado contexto e momento de sua vida. Bastos (2006), ancorada em Duarte, propõe que a aprendizagem deve ter como premissa “o aprender a aprender” sendo parte fundamental do processo educativo.

Essas mudanças da educação estão pautadas na prioridade de o sujeito aprender. A construção do conhecimento humano torna-se adaptação por meio do aprender algo útil, que o habilite a viver e a sobreviver à sociedade global. Os conhecimentos historicamente constituídos e os processos culturais passam a ser validados se o sujeito o compreende, em sua apreensão individual. (BASTOS, 2006, pp. 42-43).

Como educadores inicianos, fundamentados em Klein (2015), é determinante perceber o professor como principal aprendiz no contexto da escola, já que não é mais somente aquele que ensina; é também acreditar em um planejamento que favorece o protagonismo do aluno, que está baseado no afeto, na excelência acadêmica construída coletivamente com todos os envolvidos e na troca de experiências. A educação tem muito a ganhar se entendermos que o conhecimento e a ação caminham juntos e que o papel de um educador se fundamenta na atitude de sinalizar caminhos. É ele aquele que vislumbra as possibilidades, disponibiliza-as e deixa que seu aprendiz faça suas escolhas. E nesta fonte inicianos todos se alimentam, ganham forças e argumentos para prosseguir, junto aos alunos de todos os lugares, na luta por uma educação mais justa, libertadora e igualitária em todas as escolas onde se possa estar.

Deve-se observar que, em alguns casos, não é com o professor que irá se estabelecer a aprendizagem, mas sim com o próprio aluno, ou com um par mais competente (Vygotsky, 2004) que domine melhor o conteúdo dado, pois, de acordo com Bastos (2006, p.24), em um “*ambiente de aprendizagem*”, compreendido como “*ambiente de estudo*”, o aprendiz pode realizar pesquisas e reelaborar o conhecimento de forma autônoma, construindo suas próprias interpretações de mundo.

Para que a escola possa entender melhor seu aluno, é fundamental saber quem são as famílias que acompanham os jovens atendidos. Apresenta-se hoje como um dos maiores desafios para a formação integral estabelecer uma relação de confiança, tanto das famílias com a escola, quanto das famílias com seus próprios filhos.

(...) a constituição dos laços na família tem suscitado muitas interrogações, sobretudo quando levamos em conta os desdobramentos desse grupo no cenário da sociedade atual, cujas características apontam para a fragilidade, descontinuidade e fragmentação das relações. (PASSOS, 2011, p.01).

Com isso, fica cada vez mais evidente que a escola não pode se furtar de uma relação para além de seus muros. Contudo, esse ainda é um caminho a ser construído, pois ao se perceber a falta de comunicação e interação das famílias com seus filhos, evidencia-se uma instabilidade nas relações familiares o que interfere diretamente na questão da autonomia. Tal questão revela-se, por exemplo, nas diversas ligações de famílias pedindo para verificar se os alunos estão em sala de aula, se chegaram atrasados, se fazem as tarefas de aula e de casa, que coloquemos no “Moodle”² as fichas de exercícios para que possam acompanhar sua realização, dentre outras questões que poderiam ser resolvidas em casa, diretamente. Diante disso a coordenação/SOE entende que a escuta aos responsáveis precisa estar aberta para receber críticas, esclarecimentos, solicitações de ajuda, mas também é importante preparar-se para debater a construção da autonomia dos jovens e os limites de interferências na rotina da instituição. E assim tem sido construída uma relação de diálogo e parceria, entre famílias e CSI, objetivando o êxito acadêmico e social dos nossos alunos.

Para que se possa dar conta de formar indivíduos em sua integralidade, conscientes, comprometidos, compassivos e competentes (PEC, 2016), é preciso entender os desafios presentes na escola em que atuamos, ressaltando a importância de pensar um novo tempo e

² Plataforma virtual acessada pela comunidade escolar para a execução de diferentes atividades acadêmicas.

novos espaços de aprendizagem, problematizando e relacionando a questão da formação integral e as singularidades dos sujeitos envolvidos, percebendo que são protagonistas em seu próprio processo de aquisição de conhecimento. Nesse sentido, deve-se observar que o aluno de hoje apresenta características e necessidades diferentes das que fomos preparados em nossa formação para atender e orientar.

Buscar um referencial teórico na Pedagogia Inaciana (1993), em Lev Vygotsky (2004), em Mikhail Bakhtin (2006), em Charlot (2000) e em outros autores que seguem uma abordagem sócio-histórica, é reconhecer que as escolhas desta investigação seguirão este mesmo caminho, e servirão como base para a crença no aprender comprometido com o social dos envolvidos, respeitoso com as diferenças, interessado nas muitas histórias do “outro”, que considera os múltiplos contextos que se apresentam (Charlot, 2000), que é capaz de transformar-se todos os dias para atender a quem mais precisa, modificando vidas e pessoas. Esse aprender vai à fonte primária (alunos) buscar material para se tornar realidade, para se fazer presente.

Por todo o exposto até aqui, este trabalho pretende observar mais atentamente como se estabelece a relação entre o aluno do século XXI e o conhecimento oferecido pela escola. O que a escola pode fazer para atender a esse jovem? A colaboração entre os alunos, sempre assistida pelo professor, pode ajudar aqueles que apresentam dificuldades em aprender certos conteúdos? Diante disso, seu objetivo é levantar informações que contribuam para melhor compreensão dos casos de êxito na recuperação acadêmica dos alunos, que além de participarem da Tutoria, também recebem ajuda de seus colegas. Além disso, haverá observação de como o protagonismo do aluno no seu próprio processo de aprendizagem e também na construção do processo de aprendizagem de outros colegas que se encontram em dificuldades pode ajudar na obtenção de sucesso escolar.

2) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, UMA PONTE COM A SALA DE AULA

Para que se possam entender melhor os encaminhamentos desta pesquisa, é importante fazer uma ligação entre o que estamos chamando de “ponte” entre as escolhas teóricas e a sala de aula do CSI. Passemos, então, à compreensão desse espaço chamado Tutoria, que é uma ação do Colégio, que oferece uma experiência com o conhecimento, fora da rotina escolar, e é responsável por ajudar na aprendizagem efetiva de alunos com notas abaixo da média 7,0, na

intenção de melhorar suas notas e facilitar o acompanhamento de futuros saberes que se apresentem.

A Tutoria funciona no contraturno dando suporte acadêmico aos alunos com médias abaixo de 7,0, que são acompanhados por professores que os preparam, ao longo do trimestre, para as avaliações. Seu principal objetivo é a recuperação das notas perdidas e a consolidação do conhecimento adquirido. Ela é a responsável por organizar as diferentes disciplinas, em distintos horários, procurando contemplar as necessidades de cada série, apoiando, orientando e acompanhando os alunos e professores, que encontram nesta coordenação a base para realização do trabalho. No entanto, há uma quantidade limitada de vagas, e por isso, algumas vezes, diversos alunos não conseguem se inscrever nas aulas oferecidas.

Dialogando com Freire (1987), Charlot (2000), Vygotsky (2004) e Klein (2015) este trabalho foi à procura de informações que possam auxiliar a instituição a atender melhor os alunos que não conseguem vaga nas aulas de Tutoria, considerando suas especificidades e respeitando seu tempo, sua bagagem de vida e o contexto em que estão inseridos. Sob o mesmo contexto, também buscar compreender os casos de êxito na recuperação acadêmica de alguns alunos, que participam da Tutoria e recebem ajuda de seus colegas.

Por que pesquisar a colaboração entre alunos na sala de aula? Sendo a Tutoria uma ação do CSI que não comporta atender a todos os que estão com notas baixas, pode-se ter na monitoria entre alunos, acompanhada sempre por um professor, a oportunidade de atender a todos os que se encontram em situação de risco. Entende-se que um acompanhamento por um par com mais facilidade acadêmica, durante o período letivo, em parceria com a Tutoria, poderá ajudar a instituição a chegar ao fim do ano com um quantitativo menor de alunos em recuperação, com um grupo mais seguro do conhecimento apreendido e melhor preparado para enfrentar a série seguinte. Ganha quem aprende. Ganha quem ensina (FREIRE, 1987).

O saber é construído em uma história coletiva que é da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação, capitalização e transmissão. (...) as relações de saber são, mais amplamente, relações sociais. Essas relações de saber são necessárias para constituir o saber, mas, também, para apoiá-lo após sua construção: um saber só continua válido enquanto a comunidade científica o reconhecer como tal, enquanto uma sociedade continuar considerando que se trata de um saber que tem valor e merece ser transmitido. (CHARLOT, 2000, p.63).

Pesquisar a colaboração entre pares é procurar entender melhor a relação dos alunos com o saber, não com o fracasso. Charlot (2000) assevera que o “fracasso escolar”, enquanto objeto,

não existe. Existem sim alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é oferecido, que não estão aptos a construir certas competências, ainda, que tem como reação à sua impossibilidade a retração, a agressividade e a indisciplina. Na verdade, segundo o autor, a junção desses fenômenos se chama “fracasso escolar”. Entendendo que toda relação com o saber comporta uma dimensão de identidade, escolheu-se pesquisar em como esta relação com o saber se estabelece entre pares, alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sob a mediação de professores da Tutoria, do CSI.

Toda relação com o saber é também relação com o outro. Esse outro é aquele que me ajuda a aprender a matemática, aquele que me mostra como desmontar um motor, aquele que eu admiro ou detesto. (...) Toda relação com o saber comporta, pois, uma dimensão relacional, que é parte integrante da dimensão identitária. (CHARLOT, 2000, p.72).

Ao capacitar os alunos mais competentes academicamente, como monitores, estaremos reforçando e valorizando suas potencialidades e, ao mesmo tempo, oportunizando novos caminhos de aprendizagem que vão além da sala de aula e seu professor, dando aos alunos que apresentam dificuldades cognitivas a possibilidade de vivenciar a troca de conhecimento e de experiências junto a seus pares (BAKHTIN, 2006). Tomando Freire (1987), Charlot (2000) e Vygotsky (2004) como referência, é preciso acreditar que, ao ser assistido por um de seus colegas, este aluno estará tendo a oportunidade de aprender por outro viés, com uma abordagem mais próxima da sua, com exemplos que façam significado em sua trajetória. Nossa justificativa não é só acadêmica, também foca a formação integral, quando trabalha solidariedade, partilha de conhecimento, humildade de dar e receber ajuda, como nos orienta a Pedagogia Inaciana (1993), possibilitando a percepção de que aquele que aprende também tem algo a ensinar, entender o quanto é bom dividir com o próximo aquilo que se tem de melhor.

Entende-se, então, que oportunizar um acompanhamento personalizado, através de monitores orientados e capacitados por seus professores, é uma possibilidade de crescimento tanto para quem aprende como para quem ensina, uma vez que o monitor, ao ensinar, estará solidificando os conteúdos de seu maior domínio e o aprendiz estará buscando o conhecimento que lhe é mais frágil, como propõe Vygotsky (2004).

Diante do exposto acima, e fazendo uma “ponte” entre os teóricos presentes nesta seção, este trabalho se propõe a refletir sobre em que condições podem se estabelecer relações de ensino-aprendizagem que levem à recuperação dos alunos que, além de participarem da Tutoria, também recebem auxílio de seus colegas. Apoiada em Freire (1987), Charlot (2000), Vygotsky (2004) e Klein (2015), esta pesquisa busca entender o processo de ensino-aprendizagem entre

pares, ou seja, colaborativo, como uma via de mão dupla, que favorece a todos os envolvidos, respeitando suas especificidades e contextos de vida, e possibilita o crescimento não só acadêmico, mas também emocional.

3) CAMINHO METODOLÓGICO

As escolhas feitas remetem ao universo da pesquisa qualitativa ou interpretativista, caracterizado por Freitas (2003), como um espaço que se alinha ao dialogismo e à interação, que são base para uma pesquisa social, em uma observação participante. A pesquisa interpretativista percebe o mundo contextualizando o fenômeno observado, o que gera a existência de diversas possibilidades de verdades, que poderão estabelecer crenças, valores e identidades. Este viés de pesquisa pondera também sobre as relações histórico-sociais, estabelecendo elos com o que ocorre fora do contexto da sala de aula e que interferem em suas práticas escolares cotidianas. E, mais ainda, por não buscar encontrar uma verdade única e absoluta, considera que ela é sempre relacional, múltipla e intersubjetiva (Bakhtin, 2006).

Serão tomados como instrumentos de geração de dados o questionário (anexo 1) e as entrevistas (apêndices 1 e 2). Pois, sendo este trabalho fruto das inquietações de uma educadora, enquanto coordenadora, e de um processo reflexivo, enquanto pesquisadora, é imprescindível ter acesso ao que se passa do outro lado da sala de aula e, portanto, ouvir os alunos tornou-se a primeira meta para dar início ao processo de pesquisa e de triangulação de dados.

A seguir um diálogo entre os resultados do questionário (anexo 1) aplicado aos alunos de Tutoria, na disciplina de Matemática, as transcrições das entrevistas feitas com alunos monitores voluntários e alunos assistidos (apêndices 1 e 2) e a percepção da pesquisadora de como se deu todo o processo. Foram entrevistados seis alunos, sendo três monitores e três assistidos. Para resguardar a privacidade dos participantes, decidiu-se substituir seus nomes por letras. Os mesmo foram organizados da seguinte forma: alunos monitores são chamados de A, B e C, e os alunos assistidos são citados como D, E e F.

4) CONVERSANDO COM OS DADOS

É importante lembrar que o objetivo maior desta pesquisa é levantar informações que contribuam para melhor compreensão dos casos de êxito na recuperação acadêmica dos alunos, que além de participarem da Tutoria, também recebem ajuda de seus colegas. Para tentar alcançar este propósito, foram utilizados como instrumentos de geração de dados o questionário

(anexo 1), aplicado a todos os discentes que frequentaram a Tutoria em 2017, e uma entrevista preparada em dois momentos, que foram: para alunos monitores que ajudaram a seus colegas a superar suas dificuldades (apêndice 1) e para aqueles que assistiram às aulas, de pelo menos uma disciplina, da Tutoria e também receberam ajuda de alunos com mais facilidade nas disciplinas (apêndice 2).

Ao final do 2º trimestre de 2017 foi apresentado aos alunos da Tutoria um questionário, chamado “Avaliação da Tutoria” (anexo 1), com o objetivo de acompanhar sua percepção sobre os resultados, as aulas, o material oferecido e sua própria atuação enquanto participante ativo do processo. O documento utilizado apresentou perguntas fechadas e abertas³, pois era preciso ter ciência da opinião e das preferências dos estudantes, além do que, segundo Mac Donough (1997), oferecer os dois tipos de perguntas permite ao colaborador sentir-se contribuindo individualmente com a pesquisa.

A opção pela entrevista deu-se por acreditar-se que nesse momento da pesquisa havia a necessidade de informações mais detalhadas e precisas sobre os resultados gerados a partir das aulas assistidas na Tutoria e dos encontros com os colegas, para que a ajuda se concretizasse. Além de necessitar de um instrumento que permitisse à pesquisadora estar mais próxima de alguns alunos investigados, oferecendo-lhes oportunidade para que pudessem expressar livremente sua opinião sobre o que foi vivenciado no processo.

Chegando ao final de 2017, alunos que frequentaram a Tutoria foram assistidos por seus pares e foram entrevistados (apêndice 2). No mesmo período, os alunos que se voluntariaram em acompanhar seus colegas em situação de dificuldade acadêmica (apêndice 1) também passaram por esta experiência.

Começaremos a análise pelo questionário, por ser um documento avaliativo institucional e que foi aplicado antes do término do ano letivo, em 12/09. Portanto, os alunos ainda estavam em processo de estudos e frequentando as aulas de Tutoria. Tomaremos como fonte de análise as respostas dos alunos que frequentaram as aulas de Matemática, divididas em Álgebra e Geometria, por ser esta a que concentra maior número de inscritos.

³ Perguntas fechadas permitem que o entrevistado responda apenas sim ou não. Enquanto que as perguntas abertas possibilitam respostas com mais informações dando ao questionado a oportunidade de argumentar e expressar melhor seus pontos de vista.

De acordo com o anexo 2, as aulas de Tutoria os ajudaram a melhorar suas notas ao longo do ano. Inicialmente, ao fim do 1º trimestre. Não perceberam muitas alterações significativas que pudessem lhes oferecer mais tranquilidade quanto às notas, porém ao darem continuidade às aulas e entenderem que precisavam se dedicar mais, o resultado veio para grande parte do grupo. O que não significa que todos tenham se colocado em posição confortável quanto às médias. Muitos alunos ainda não percebem que estas aulas são para que tirem dúvidas, façam perguntas, errem e tentem entender por que erraram. Eles ainda esperam que o professor tome a iniciativa e lhes resolva todos os exercícios e disponibilize material no Moodle para que estudem em casa, alguns recebendo orientação de um professor particular. Em sua opinião o forte da Tutoria está no material oferecido, as conhecidas “fichas”, em que são dispostas questões de baixa, média e grande dificuldade, para que consigam progressivamente entender melhor o conteúdo abordado e possam se preparar efetivamente para as avaliações. Há também os que acreditam que o contato mais próximo com professor e que poder tirar dúvidas, recebendo explicações individualizadas, são fundamentais para o bom resultado. Pode-se perceber que há um certo questionamento à metodologia do processo, por parte dos alunos, mas não foram oferecidas informações suficientes que pudessem respaldar uma mudança de perspectiva do processo.

Embora a importância das aulas de Tutoria seja reconhecida pelos alunos, é fundamental ressaltar que, apesar de alguns bons resultados, há um longo caminho a ser percorrido no que se refere à aquisição efetiva do conhecimento. Eles entendem que é importante estar nesse lugar, mas acreditam que a maior responsabilidade está nas mãos do professor. Cabe a este motivá-los e mostrar-lhes as possibilidades de resolução de suas dificuldades. Fazer com que aprendam é sua função. Falta-lhes ainda a compreensão de que estar em uma sala de aula, prioritariamente, é tráfegar por uma via de mão dupla. O aluno chega com suas dificuldades e as apresenta (para isso é preciso que tenha estudado, ou tentado estudar). O professor oferece ferramentas de ajuda, mas é o aprendiz quem vai colocar a mão na massa, ou melhor, no papel e na caneta, e (re)construir e resignificar este conteúdo que havia ficado pelo caminho. Há aqui um complexo paradoxo: muitos alunos responsabilizam o professor porque não obtiveram resultados positivos. Ao mesmo tempo, alguns professores justificam o insucesso devido à falta de estudos e de dedicação daqueles que não conseguiram aumentar seu rendimento. Acreditam que aluno tem como função estudar. Entende-se que ninguém é culpado nesta situação. O que se apresenta é a necessidade de um melhor entendimento do papel de cada um nesta aula, que é bastante singular dentro de uma estrutura tão grande como a do Colégio Santo Inácio. E nesse sentido, esta

pesquisa, que busca compreender o quão exitoso são as aulas de Tutoria, acaba por lidar com uma das questões mais caras à educação: o próprio processo ensino-aprendizagem, que já se evidencia fortemente sobre a lógica de que o professor ensina e o aluno aprende. E essa abordagem não possibilita uma articulação entre ambas. Então, é preciso muito estudo ainda para efetivamente compreender como acontece um percurso em que ensino e aprendizagem configurem um caminho de mão dupla.

Sabe-se que ambos assumem, em diferentes momentos da aula, dois papéis: o de aprender e o de ensinar. E para que este encontro seja exitoso é fundamental que os participantes tenham consciência desta possibilidade e estejam abertos a vivenciá-la e a crescer a partir do que foi ensinado e do que foi aprendido. E neste sentido, é papel das coordenações de Tutoria e de Série acompanhar atentamente todo o decorrer do ano e conhecer melhor os procedimentos, apontando os êxitos e pensando novos caminhos que possam auxiliar os alunos, ainda em perigo de reprovação, a “seguir em frente” e, quem sabe, atingir o objetivo de passar para série seguinte. Não há dúvidas sobre o trabalho feito por estes setores de acompanhamento discente, ao longo do ano letivo. No entanto, é preciso observar mais de perto os resultados obtidos ao final de cada trimestre e dar todo o suporte necessário às aulas, uma vez que, não alcançando notas satisfatórias, é determinante que se mude a rota do processo e se busque alternativas que possam dar maior segurança ao professor e garanta um melhor acompanhamento aos alunos, podendo levá-los ao êxito escolar e a consequente aprovação à série seguinte. Charlot (2000, p.63) assevera que *“O saber é construído em uma história coletiva que é da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação, capitalização e transmissão”*. Portanto, a participação de todos os envolvidos determina o sucesso do processo de Tutoria.

A metodologia não agrada a muitos, mas não há uma proposta, por parte dos descontentes, de como podemos melhorar o processo. Toca ao professor encaminhar um material de qualidade, motivar seus alunos, dando um significado real ao que está sendo aprendido, iluminar os momentos mais sombrios, mostrar-se envolvido com o grupo e com o saber pretendido. Contudo, se o aluno não tiver o entendimento de suas funções nestes encontros, não perceber a importância do espaço oferecido pelo Colégio, e não estiver disposto a trabalhar duro, o bom resultado pode ficar comprometido. Por isso, as notas só começam a aumentar, em geral, a partir das provas do 2º trimestre, pois já há uma maior consciência, por parte dos alunos, dos papéis que tocam a cada um, ao longo do processo e, de fato, eles estão mais envolvidos com as

atividades escolares e preocupados com a possibilidade de reprovação. Neste sentido, dialogamos com Charlot (2000) que nos assevera que o aluno tem melhor aproveitamento na aprendizagem, segundo seus interesses e motivações, a partir de suas necessidades específicas.

Passando às entrevistas (apêndices 1 e 2), iniciaremos com os alunos monitores relatando sua experiência com os colegas de turma. Inicialmente, na primeira pergunta, eles respondem que sua motivação vem da satisfação em poder ajudar os amigos e saber que com isso os mesmos não ficarão para trás e, assim, poderão seguir junto ao grupo. Percebemos aqui traços da Pedagogia Inaciana e sua influência na formação integral desses sujeitos. Quando, em uma instituição de ensino, um aluno coloca o outro como motivador de suas ações, como fonte de sua satisfação, estamos falando do “aluno que pretendemos formar” (KLEIN, 2015), enquanto sujeito compassivo, comprometido, consciente e competente.

Supondo aqui os aspectos acadêmicos e educativos, fixo-me naqueles da formação integral que devemos subministrar aos nossos alunos. (...) É o “homem para os demais”, (...) Devem ser homens movidos pela autêntica caridade evangélica, rainha das virtudes. Falamos tanto de fé/justiça; mas é da caridade que a própria fé e o anseio de justiça recebem sua força. É na caridade que a justiça atinge sua plenitude interior. (KLEIN, 2015, p. 18-19).

Quando o aluno C (apêndice 1) nos fala “*A minha motivação é que eu gosto muito de ajudar as pessoas (...) ajudar um amigo, principalmente, eu acho muito bom porque eu realmente quero que ele tire uma boa nota (...)*” pode-se entender que com ele foi alcançado o maior objetivo da educação integral, que é formar um sujeito que se importa com as desigualdades e com o sofrimento dos demais, que está consciente de seu papel na sociedade e comprometido em ser um agente de modificação, que cumpre com suas obrigações enquanto estudante e, por isso, pode ajudar seus pares.

Ainda sob este aspecto, é importante ressaltar que os monitores concordam que partilhar com os colegas lhes traz benefícios (apêndice 1 – pergunta 3), como rever a matéria; pensar em outras formas de resolução dos problemas, segundo eles, as dúvidas apresentadas chamam a atenção para conteúdos que passariam despercebidos; estudar indiretamente, reforçando o que foi aprendido. Há o desejo de colaborar com quem necessita, mas há também a consciência do benefício que recebem ao ensinarem a seus pares aquilo que lhes parece mais fácil.

Ao avaliar as repostas da pergunta 2 (apêndice 1), pode-se observar que todos acreditam que a sala de aula é o lugar mais importante para aprender. Segundo os monitores, quando conseguem entender bem o conteúdo na aula, fica mais fácil fazer os deveres, os trabalhos, participar de debates e ajudar os colegas.

Eu acho que vem de aula mesmo, eu acho que você aprende na aula, depois você pode rever, você pode estudar melhor, aprofundar melhor, mas eu acho que na aula mesmo, na hora da aula, que se aprende, prestando atenção. Acho que se você prestar atenção na aula, o resto vai ser muito fácil, vai, você vai precisar rever, óbvio, mas você já vai ter entendido, (...). - Entrevista, Aluno B, 02/12/2017.

A importância de o primeiro momento com o conhecimento ser na sala de aula, segundo os alunos, pede uma reflexão mais atenta. Em tempos de tantas mudanças na sociedade e de valorização da tecnologia, das novidades e da criatividade, eles entendem que é ainda na sala de aula, junto a seus professores, que a magia, o encantamento e o envolvimento com o conhecimento pretendido devem acontecer. Esperam de nós que transformemos este lugar chamado “sala de aula”, que pode se estabelecer em qualquer espaço onde aconteça a aprendizagem, em um ambiente onde todos possam aprender e também ensinar. Em que a figura do mestre seja o referencial de múltiplas possibilidades de se chegar ao conhecimento, mas que também ele esteja disponível e disposto a aprender com seus alunos.

E quando é que os monitores acham que aprenderam? Segundo eles, é quando o conhecimento permanece, mesmo depois da avaliação. É não decorar. É quando se consegue reestruturar o conhecimento e transmiti-lo a outras pessoas, usando suas próprias palavras.

Aprender é você, tipo, entender realmente a matéria, tipo, não decorar, como acontece em muitas matérias que você, tipo, você vai pra prova, você decora só pra ir bem naquela prova e depois esquecer tudo, aprender é, tipo, você estudar praquela prova, entender a matéria, ir bem e ainda continuar sabendo a matéria depois dela. - Entrevista, Aluno C, 02/12/2017.

De acordo com os três monitores, a aprendizagem pode acontecer em qualquer ambiente desde que seja confortável, tranquilo, sem confusão. O aluno A responde que a aprendizagem “*tem que ser num lugar em que a pessoa se sinta confortável, tranquila e que não tenha muito barulho.*” Na verdade, para eles o espaço é pouco importante, se é na sala de aula, biblioteca, em casa, ou na pracinha da esquina, o relevante em um momento de aprendizagem é o clima que se estabelece de conforto, tranquilidade e respeito a todos os que estão partilhando o mesmo lugar. Espera-se que todos possam ter a oportunidade de aprender, apesar de suas dificuldades individuais. Percebe-se na fala destes jovens o que nos propõe o PEC (2016), “*(...) acreditamos que professores, alunos, (...), todos são protagonistas do processo educativo, participando de diferentes formas e lugares da vida escolar.*”

Finalizando a entrevista lhes é perguntado em que situações percebem que podem ser um diferencial no processo de aprendizagem de seus colegas. Mais uma vez a Pedagogia Inaciana se apresenta de forma contundente na formação desses jovens. Vejamos a resposta do aluno A:

Muitas vezes, alguém não sabe fazer uma questão, às vezes de qualquer disciplina, e eu ajudo essa pessoa e aí cai uma questão parecida na prova e a pessoa fala “Ah, eu acertei, porque você me explicou”. Então, eu percebo nisso, aí, às vezes, a pessoa vai bem na prova e tinha estudado comigo antes, então eu fico muito feliz quando isso ocorre e aí eu vejo que a pessoa realmente conseguiu ir bem naquela prova, às vezes, conseguiu passar de ano e eu fico muito feliz porque pra mim não adianta nada eu passar de ano e alguns amigos meus ficarem no ano anterior. Eu quero que todo mundo passe junto. Então eu fico muito feliz também quando eu vejo que eles também conseguem ter sucesso naquela disciplina e às vezes eles vêm me agradecer depois, então isso é muito gratificante. – Entrevista, Aluno A, 02/12/2017. - Grifo meu.

Os alunos entrevistados reconhecem que são importantes na trajetória escolar de seus colegas e sentem-se orgulhosos e satisfeitos por poder dividir com eles o que têm de melhor. Sentem-se felizes quando percebem que os amigos se saem bem nas avaliações e têm suas notas aumentadas por conta de sua ajuda e que poderão seguir juntos, rumo à próxima série. Não lhes basta ajudar, querem levá-los consigo, objetivando que a maior parte do grupo chegue junto à 3ª série do Ensino Médio, formando-se no CSI.

As palavras de Nascimento (1985) “*São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida*”, ilustram a importância do reconhecimento deste monitor, que ensina, mas também aprende. Ensinar e aprender, condição intrínseca de alunos e professores inacianos, que vivenciaram a experiência do voluntariado estudantil, da partilha, refletindo sobre suas ações e percebendo ser um diferencial na vida de seus pares, “*o trem que chega é o mesmo trem da partida*”. São os nossos alunos colaborando com o que têm de melhor para que outros também possam descobrir suas potencialidades. Quando Klein (2015) nos propõe refletir sobre o modelo de Paradigma Inaciano “*experiência, reflexão e ação*”, está nos convidando a ir além das ideias, a buscar um novo proceder na educação.

É nosso papel, enquanto instituição de educação, promover estes encontros, favorecer a partilha em nossas dependências, oportunizar a divulgação dessa disponibilidade e ajudá-los a buscar a excelência acadêmica e a excelência enquanto cidadãos do mundo.

Dialogando agora com as respostas dadas pelos alunos que receberam ajuda, pode-se observar duas questões: a primeira é que há o aluno que não consegue estudar em casa sozinho e, por isso, precisa de um incentivo para dar conta da rotina escolar, de acordo com o aluno F “*Eu escolhi porque eu sei que quando eu chegar em casa, vai bater uma preguiça de estudar, então,*

quando eu faço a Tutoria eu sei que eu vou estudar, ...”. A segunda é que a procura pela Tutoria é um pedido explícito de ajuda à instituição. Estes alunos percebem que não podem caminhar sozinhos e que necessitam de uma mediação com a sala de aula. Como o CSI oferece esse espaço, sem cobrar nenhum adicional na mensalidade, muitos entendem que pode ser sua tábua de salvação na busca por melhores notas, sem que seus pais precisem pagar a mais por isso. E realmente a Tutoria pode mediar as aulas do contra-turno. Desde que todos saibam qual seu papel no processo. No caso dos estudantes, é fundamental cumprir com seus compromissos, como prestar atenção às explicações dadas pelo professor aos colegas, fazer perguntas que elucidem suas dúvidas, completar as fichas de exercícios entregues, etc.

No começo, que eu comecei desde cedo, logo no início do primeiro trimestre, eu senti uma grande dificuldade assim, eu vi que não tava fazendo muito efeito, mas aí eu vi depois que era mais por parte de mim, porque eu tava com falta de interesse, sabe? Ir lá pro professor e tirar dúvida, eu tava fazendo um exercício ou outro e acabava não me dedicando. Então acabava não fazendo efeito. Mas eu acho que sim. Quando você vai lá e tira dúvida, faz todas as fichas, sim, sim, melhora, com certeza.” – Entrevista, Aluno D, 02/12/2017.

Desempenhando suas tarefas com dedicação, ficam as reais dificuldades, que poderão ser superadas através da presença do professor e da ajuda de colegas com melhor *performance* na disciplina, ou ambos: professor orientando os alunos monitores a ajudarem seus companheiros com dificuldades acadêmicas, ao longo das aulas no turno da manhã e nas Tutorias.

Segundo os alunos D, E e F, as aulas de Tutoria são importantes para seu desempenho escolar, contudo, sentem-se mais seguros e confiantes quando estudam com um colega que sabe um pouco mais sobre o assunto. Alegam que a preferência se dá porque estão mais próximos de sua realidade, que a linguagem utilizada é a de suas conversas rotineiras, podem falar qualquer coisa, ficam mais à vontade, eles acham que os colegas monitores entendem o seu jeito de ser, sem julgamentos. Foi observado pelo aluno E que dependendo da disciplina, esta preferência pode mudar, pois há alguns conteúdos que são melhor explicados pelo especialista no assunto, no caso o professor, mas também este, muitas vezes, não tem ideia de como o aluno se sente. Neste caso, é melhor estudar com um colega.

(...) eu acho que em Biologia, eu consigo entender melhor com a professora. Mas matemática, com colega. Porque eu acho que o professor às vezes não tem muita ideia de como é ser o aluno, ele não entende. (...) mas é tipo o aluno A, ele sabe o que as pessoas podem ter dificuldade, enquanto o professor não. Porque, tudo bem, ele sabe dar aula muito bem. Acho as aulas dele muito boas, inclusive, mas ele não tá na posição do aluno. Ele tá na posição do professor. Então, como o aluno A tá na posição do aluno, acho que ele entende melhor.” – Entrevista, Aluno E, 02/12/2017.

Todos os alunos entrevistados gostariam de ser acompanhados por, pelo menos, um colega, que poderia apadrinhá-los na sala de aula e/ou em outro momento de estudo, durante todo o ano letivo. Declaram que seria mais fácil para tirar dúvidas imediatas, trocar informações, receber incentivo e que agregaria muito ao seu crescimento enquanto aprendiz. Ao apresentar a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), Vygotsky (2004) está tratando exatamente disso: o par mais competente mediando o conhecimento, ajudando àquele que esteja precisando de outro enfoque sobre o mesmo objeto de conhecimento e ampliando o olhar do seu parceiro para outras possibilidades de resolução dos problemas vivenciados.

Pode-se perceber a marca inaciana nos dois grupos: os que, embora estejam ensinando, aprendem com seus colegas, e os que estão na posição de aprendizes, podendo ensinar, mesmo sem ter a consciência disso. Os monitores não falam os nomes, nem dão sinal de quem são as pessoas ajudadas, mas os que são assistidos, não se sentem constrangidos em nomear seus “benfeitores”. Segundo Klein (2015), os alunos compartilham suas experiências em uma comunidade de compreensão e apoio mútuo, que é fortalecida por procedimentos e estruturas oferecidas pela instituição. E é esta comunidade de ajuda mútua que pode ser percebida através destes depoimentos. Alunos comprometidos com o bem maior, e conscientes de quão importante é que todos estejam bem encaminhados, que usam sua competência acadêmica e seu coração compassivo para dar conta da mudança que todos queremos para o mundo.

5) CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

Para tecer as considerações finais deste trabalho, é preciso informar que não se trata de finalizar uma pesquisa ou reflexão sobre o tema aqui proposto, mas de abrir uma discussão mais ampliada e respaldada pela manifestação direta dos participantes do processo, objetivando dialogar com este novo paradigma de aluno autônomo, independente, que pode buscar o conhecimento onde quer que esteja, mas que não abre mão da sua sala de aula e de seu professor mediando as atividades, orientando quanto à melhor forma de estudar e alcançar o êxito da aprovação e da permanência de tudo que foi aprendido. O aluno atual não precisa que se deposite nele o conhecimento (FREIRE, 1987), mas que se criem estratégias de como pode aprender mais e melhor; de como usar a informação a favor do coletivo, para o bem de todos; de como fazer a diferença no mundo, como sujeito competente, compassivo, comprometido e consciente.

Dando continuidade, é preciso voltar ao objetivo principal a que se propôs esta pesquisa: buscar dados que pudessem nos esclarecer acerca do êxito no desempenho dos alunos que fazem aulas de Tutoria e que recebem ajuda de colegas com resultados acima da média e de como estes também aprendem durante o processo, tudo acontecendo sob a mediação de professores da Tutoria, do CSI. Pode-se inferir que, de fato, a sala de aula e o professor são imprescindíveis para que o conhecimento se estabeleça, em um primeiro momento. Contudo, em alguns casos, há a necessidade da mediação de alguém mais próximo, que entenda o mundo sob a mesma perspectiva do aprendiz em dificuldade, que use um vocabulário que faça parte de sua vivência, que saiba quem ele é. Sob esta égide entra em cena o aluno monitor. Par mais competente academicamente, que conhece bem o grupo e que irá ajudar os seus colegas oferecendo-lhes um outro olhar sobre o mesmo conteúdo apresentado pelo professor. Neste contexto, aquele que ensina também é aprendiz. A partir das dúvidas apresentadas pelos que estão em dificuldades, poderá refazer o seu conhecimento, pensar em temas que lhe haviam passados despercebidos e reorganizar o seu pensar e também tudo o que foi aprendido até então. E sobre este aspecto, pode-se voltar à metáfora proposta por Nascimento (1985), quando nos fala “*são só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida*”. O menino que ensina é o mesmo que aprende. O momento e a necessidade é que ditarão qual o papel a ser desempenhado junto a seus pares.

Entende-se que a prioridade em uma instituição inaciana é formar sujeitos competentes, compassivos, conscientes e comprometidos com os demais, com o coletivo que vai além de suas relações sociais, que se importa com as mudanças que possa produzir no mundo (PEC, 2016). A partir desta perspectiva, o CSI vem buscando, a cada ano, novas estratégias e ferramentas que possam ampliar o universo de aprendizagem da comunidade pedagógica. A Tutoria oferecida é uma oportunidade de o aluno se refazer academicamente, de reconstruir seu aprender, de se valorizar diante dos demais e de entender quais são suas competências no processo. Colocar na vida real alunos com estas características é oferecer ao mundo uma oportunidade de mudança autêntica.

Ao mesmo tempo, este espaço no CSI é também uma outra perspectiva da sala de aula, é a chance de uma abordagem diferente, desconstruída, que pode experimentar outras formas de ensinar e aprender. Por que não, então, trazermos este aluno voluntário e disposto a refazer o caminho acompanhado por alguns colegas de escola, dando-lhes suporte e confiança, dividindo com eles suas dificuldades e incertezas? Pensar a Tutoria como um ambiente alternativo e

disponível a acolher todo aquele que necessita de apoio acadêmico e que, portanto, não pode ficar sem assistência, é pensar no lugar idealizado por Santo Inácio, há mais de quatrocentos anos. É materializar um sonho de tantos outros educadores que passaram pela Companhia de Jesus, ao longo da história: nenhum a menos. E para que este ideal possa se realizar, contar com a disponibilidade dos alunos monitores que são voluntários neste projeto de educação, é ampliar a possibilidade de êxito acadêmico dos discentes com dificuldades.

Por fim, entende-se que o fazer pedagógico das aulas de Tutoria está a serviço dos alunos que não conseguem caminhar sozinhos. É para eles e por eles que se busca construir um ambiente de confiança, de excelência pedagógica e de acolhimento fraterno. É possível acreditar em uma educação que vá além do acadêmico, que busque na essência do ser humano o que ele tem de melhor e que possa dividir e colocar *este melhor* a serviço dos demais. Este olhar amoroso, responsável e comprometido com a atitude de ensinar e aprender tem um nome: Educação Jesuítica.

Não há um ponto final neste trabalho, mas uma proposta de reflexão e ampliação das discussões feitas por esta caminhada. É hora da despedida, pois o trem que aqui chegou já se prepara para partir.

6) REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

BASTOS, Rachel Benta Messias. *A ênfase na aprendizagem e a educação contemporânea*. Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2070>. Acessado em 13/Dez/2017.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. 1987.

FREITAS, Maria Teresa. *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez. Pp.7-38. 2003.

KARNAL, Leandro. Cordeiro de Deus. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/>, São Paulo, 07 Agosto 2016. Acessado em 13 Set/2016.

KLEIN, Luiz Fernando. *A Proposta Pedagógica Inaciana está clara. E a mudança?* Minicurso proferido no 3º Congresso Inaciano de Educação. Itaici, SP, 2002. Documento online – <http://eduinaciana.tripod.com/docum/sengeklein.pdf>. - Acessado em 10 de janeiro de 2018.

_____. *Educação Jesuítica e Pedagogia Inaciana*. São Paulo, Ed. Loyola. 2015.

MC DONOUGH, J & S. MC DONOUGH. “What is research” *Research methods for English language teachers*. Edward Arnould. Cap. 3, 11 e 13. 1997.

NASCIMENTO, Milton. Encontros e Despedidas. In: *Encontros e Despedidas*. RJ. Barclay. Faixa 8. 1 CD. 1985

PASSOS, Maria Consuelo. Família, Laços e sofrimento Psíquico. REVISTA MAL-ESTAR E SUBJETIVIDADE- Fortaleza- Vol. XI – Nº 3 – P. 1013 -1013- Set/2011.

PEDAGOGIA INACIANA: uma proposta prática. Loyola: São Paulo, pp.84-88, 1993.

Rede Jesuíta de Educação. *PEC – Projeto Educativo Comum*. Ed. Loyola. Rio de Janeiro. 2016

SANTOS, Andréia Mendes dos e GROSSI, Patrícia Krieger. Infância Comprada: hábitos de consumo na sociedade contemporânea. *Revista Textos & Contextos Porto Alegre v.6 n.2p 443-454. Jul./dez. 2007*

VYGOTSKY, Lev. A psicologia e o mestre. In: *Psicologia pedagógica*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. Pp. 445-464. 2004.

7) ANEXOS

Anexo 1

Questionário aplicado aos alunos que frequentaram as aulas de TUTORIA em 2017



Coordenação de série do 9º ano e Ensino Médio

AVALIAÇÃO DA TUTORIA – 2º TRIMESTRE

TUTORIA DE: _____ SÉRIE: _____

1) Seu desempenho melhorou do 1º para o 2º trimestre? () Sim () Não

2) Em caso afirmativo, marque a alternativa quanto ao seu desempenho:

() Melhorou um pouco () Melhorou muito

3) Qual foi a maior contribuição da Tutoria?

() Reforçar o conteúdo do 1º trimestre () Reforçar o conteúdo do 2º trimestre

4) O que foi mais importante para você na Tutoria?

5) O que você acha que pode melhorar na Tutoria?

() Interação com o professor

() Metodologia da Tutoria

() Maior quantidade de exercícios

() Outros: _____

6) Você tem professor particular desta disciplina? () Sim () Não

7) Sugestões:

Anexo 2



AVALIAÇÃO DA TUTORIA 9º ANO EF 2017

Questão	Álgebra	Geometria
Resposta	49	40
1 Desempenho 1º e 2º TRI		
Sim	42	30
Não	7	9
Outros	0	1
2 Quanto		
Pouco	29	20
Muito	15	15
Outros	5	5
3 Maior Contribuição		
1º TRI	12	12
2º TRI	38	37
Outros	1	0
4 Mais Importante		
Fichas	26	21
Turma pequena	1	0
Contato Professor	10	9
Dúvidas do Conteúdo	12	9
Outros	1	1
5 Melhorar Tutoria		
Interação	7	6
Metodologia	17	10
Exercícios	2	1
Outros	26	25
6 Professor Particular		
Sim	26	18
Não	23	22

8) APÊNDICES

Apêndice 1

Transcrição de entrevista com alunos monitores voluntários, em 02/12/2017

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>1) Qual Sua motivação para ajudar os colegas com dificuldades acadêmicas?</p>	<p>Aluno A Como muitas vezes eu acabo entendendo a matéria mais rápido, mais fácil que outros colegas, às vezes eu vejo que eles estão em dificuldade em algum conteúdo e aí, às vezes, eu tento explicar pra eles de forma diferente, às vezes, até numa linguagem mais próxima deles e explicar com mais calma. E assim, muitas vezes, eles acabam entendendo melhor quando eu explico, então, eu acabo ficando muito feliz em ver que eu to aprendendo, mas os outros não estão ficando pra trás. Eles também tão aprendendo e se eu posso tá ajudando nisso eu fico feliz.</p> <p>Aluno B Eu acho que quando a gente ajuda, principalmente numa situação dessa, de escola, dificuldades acadêmicas, eu acho que não tem um grande custo, não me onera muito fazer isso e tem um grande benefício. Tanto pra mim, tanto quanto pra quem é ajudado. Então, eu acho que, se pra mim eu não tô fazendo nada a mais do que eu posso, nada que me custe muito, e eu tô ajudando, eu acho que vale a pena eu fazer, muito!</p> <p>Aluno C A minha motivação é que eu gosto muito de ajudar as pessoas. Então, então, ajudar um amigo, principalmente, eu acho muito bom porque eu realmente quero que ele tire uma boa nota, como eu gostaria também que, acontece muito, que os alunos me ajudam, amigos meus. Então, tipo, quando eu ajudo uma pessoa é, eu meu sinto feliz, e eu gosto muito quando eles se dão bem nas notas, assim, pra continuar com eles no Colégio. Pra não ter nenhum problema de repetir, com já aconteceu algumas vezes.</p>
<p>2) E o seu processo de aprendizagem, como se dá?</p>	<p>Aluno A Primeiro a sala de aula, eu tento ficar prestando atenção o máximo possível. Sei que às vezes a gente tá cansado, mas eu acho que é uma primeira etapa muito importante. Você prestar atenção na explicação do professor, e também os exercícios. Você fazer os exercícios não só na sala, como em casa, porque são nos exercícios que vão surgir as dúvidas. E aí são essas dúvidas que você tem que sanar com o professor, para você entender a matéria e compreender melhor. E aí quando chega na véspera da prova, você já tá com a noção muito boa daquele conteúdo e aí é só revisar. E busco organizar o que o professor dá pra gente, no caderno ou na ficha, no computador, porque aí eu reviso a matéria toda, eu também refaço exercícios, e aí alguns amigos ficam pedindo dúvida pra mim eu também reviso a matéria dessa forma.</p> <p>Aluno B Eu não sei. Eu acho que vem de aula mesmo, eu acho que você aprende na aula, depois você pode rever, você pode estudar melhor, aprofundar melhor, mas eu acho que na aula mesmo, na hora da aula, que se aprende, prestando atenção. Acho que se você prestar atenção na aula, o resto vai ser muito fácil, vai, você vai precisar rever, óbvio, mas você já vai ter entendido, eu acho que depois pra entender é meio complicado, porque você pode querer fazer uma pergunta e não poder, então, eu acho que tem que ser na aula mesmo que você tem que aprender.</p> <p>Aluno C Porque as matérias que eu sou bom, como o Antônio (amigo que o acompanhou à entrevista), são as matérias que eu gosto mais, então eu presto mais atenção na aula, eu gosto de participar. Já as matérias que eu não gosto tanto eu já sou meio dispersivo na aula. É isso.</p>

<p>3) Você acredita que ao ajudar os colegas também aprende? Explique.</p>	<p>Aluno A Sim, porque quando eu explico uma matéria pra um amigo meu, eu tô revisando a matéria, e também se eu tô, se eu sou capaz de explicar a matéria é porque eu realmente aprendi aquilo e aí, também quando alguém pergunta uma dúvida pra mim, eu acabo vendo o conteúdo de um outro ponto de vista. Então aí eu posso entender melhor, ver fatos novos sobre aquele conteúdo.</p>
	<p>Aluno B Sim, sim, óbvio. Eu acho que quando eu explico, eu meio que revejo o que eu sei e confiro se eu sei mesmo aquilo, porque, às vezes, me fazem algumas perguntas que eu só não sei a resposta aí eu fico mais motivado a procurar aquilo e ver. Muitas vezes perguntas que já me fizeram foram perguntas que realmente caíram em avaliações, então, se, provavelmente, não tivessem me perguntado eu não teria nem pensado nelas.</p>
	<p>Aluno C Sim, porque você tá estudando novamente. Você tá ensinando, então, você tá “recaptando” (recapitulando?) coisa que já foi estudada, e é sempre bom repassar a matéria e funciona como se vocês tivesse sendo o professor e explicando a matéria prum amigo seu.</p>
<p>4) O que é aprender e onde você acredita que se dá a aprendizagem?</p>	<p>Aluno A Pra mim, aprender é você adquirir conhecimento e esse conhecimento tem que ser transmitido por alguém. Muitas vezes é o professor, mas não necessariamente precisa ser ele. Eu acho que a aprendizagem pode se dar em qualquer lugar, mas se for em um lugar muito conturbado isso daí fica um pouco prejudicado. Então, tem que ser num lugar em que a pessoa se sinta confortável, tranqüila e que não tenha muito barulho. Por exemplo, às vezes, na sala de aula, que é o local que a gente acha que é da aprendizagem tem muita gente conversando e às vezes não é o local ideal. Às vezes, a pessoa aprende melhor em casa, no quarto dela estudando, ou na biblioteca aqui que a gente tem um espaço muito confortável.</p>
	<p>Aluno B Isso é difícil. Aprender deve ser, aprender deve ser, ser capaz de transmitir uma informação com clareza. Eu acho que muitas vezes a gente não aprende as coisas, mesmo tendo estudado, mesmo tendo assistido aulas, então eu acho que tem um momento de uma luz, eu acho que você pode ter várias informações sobre um assunto, mas só quando você consegue fazer um panorama disso na sua cabeça e consegue transmitir isso, tipo, a prova de que você fez esse panorama é quando você consegue transmitir. Eu acho que é aí que você aprende. E em questão de espaço, Eu acho que em qualquer espaço você pode aprender, mas quando você tá confortável, eu acho que é importante (você) para aprender, eu acho que às vezes ter ajuda de alguém que já aprendeu, eu acho que também é importante, no lugar que você tem ajuda, é meio difícil aprender sozinho. Dá pra aprender sozinho com livro, com internet, mas é mais fácil quando você tem ajuda.</p>
	<p>Aluno C Aprender é você, tipo, entender realmente a matéria, tipo, não decorar, como acontece em muitas matérias que você, tipo, você vai pra prova, você decora só pra ir bem naquela prova e depois esquecer tudo, aprender é, tipo, você estudar praquela prova, entender a matéria, ir bem e ainda continuar sabendo a matéria depois dela. E o ambiente é na escola e também em diversos lugares, quando você for ensinar ou estudar com um amigo seu.</p>

<p>5) Em que situações você percebe que pode ser um diferencial no processo de aprendizagem do seu colega?</p>	<p>Aluno A Muitas vezes, alguém não sabe fazer uma questão, às vezes de qualquer disciplina, e eu ajudo essa pessoa e aí cai uma questão parecida na prova e a pessoa fala “Ah, eu acertei, porque você me explicou”. Então, eu percebo nisso, aí, às vezes, a pessoa vai bem na prova e tinha estudado comigo antes, então eu fico muito feliz quando isso ocorre e aí eu vejo que a pessoa realmente conseguiu ir bem naquela prova, às vezes, conseguiu passar de ano e eu fico muito feliz porque pra mim não adianta nada eu passar de ano e alguns amigos meus ficarem no ano anterior. Eu quero que todo mundo passe junto. Então eu fico muito feliz também quando eu vejo que eles também conseguem ter sucesso naquela disciplina e às vezes eles vêm me agradecer depois, então isso é muito gratificante.</p>
	<p>Aluno B Eu acho que tudo conta pro processo de aprendizagem. É óbvio que nada pode substituir outra coisa, então, tudo vai tá agregando. Eu acho que nas situações que me fazem perguntas, tipo, não só eu explicando alguma coisa, mas, principalmente quando eu respondo alguma pergunta, eu acho que tá aí a maior aprendizagem, a maior aprendizagem, porque mostra que a pessoa não tinha aprendido aquilo ou não tinha aprendido aquilo por completo e eu tô tentando ou contribuindo pra que o conhecimento daquela pessoa sobre o assunto fique mais aperfeiçoado, fique mais completo.</p>
	<p>Aluno C Quando eu tenho mais facilidade em algumas matérias e amigos meus não têm, eu gosto, eu acho que eles vão aprender bastante comigo quando eu vou ensinar a eles determinada matéria.</p>

Apêndice 2

Transcrição de entrevista com alunos assistidos pela Tutoria e por colegas monitores, em 02/12/2017

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1) Por que você faz Tutoria?	<p>Aluno D Faço. Porque eu tava, de certa forma, tendo uma grande dificuldade nas matérias, não tava conseguindo dar conta sozinho e aí a Tutoria foi uma forma, foi um auxílio que eu tive pra fazer mais exercícios, pra ter uma ajuda extra, assim, sabe? Pra eu, de certa forma, atingir o que eu mais precisava.</p>
	<p>Aluno E Faço. Por que eu tinha dificuldade em algumas matérias, e aí, eu conversei com a Cláudia, que é orientadora educacional, e aí ela falou que era pra eu fazer Tutoria que melhoraria meu rendimento em sala e, enfim, por isso.</p>
	<p>Aluno F Eu escolhi porque eu sei que quando eu chegar em casa, vai bater uma preguiça de estudar, então, quando eu faço a Tutoria eu sei que eu vou estudar e aí também acho que é o estudo reforçado de tal matéria.</p>
2) Acha que as aulas de Tutoria têm lhe ajudado a compreender melhor a matéria?	<p>Aluno D No começo, que eu comecei desde cedo, logo no início do primeiro trimestre, eu senti uma grade dificuldade assim, eu vi que não tava fazendo muito efeito, mas aí eu vi depois que era mais por parte de mim, porque eu tava com falta de interesse, sabe? Ir lá pro professor e tirar (?) dúvida, eu tava fazendo um exercício ou outro e acabava não me dedicando. Então acabava não fazendo efeito. Mas eu acho que sim. Quando você vai lá e tira dúvida, faz todas as fichas, sim, sim, melhora, com certeza.</p>
	<p>Aluno E Sim, eu passei, posso falar a verdade? Eu passei do 5,0, em Biologia, pro 8,0, tipo, quando eu comecei a fazer Tutoria. (?) no primeiro trimestre tinha tirado 5,0 e aí eu comecei a fazer Tutoria e aí fui pra 8,0. Então, me ajudou muito, inclusive a professora (...) era uma ótima, tipo ela, eu sei lá, consigo entender melhor com ela do que com a outra professora. Ainda mais que ela corre muito porque tem muitas turmas e pouco tempo. Então, a Tutoria, ela, tipo, é mais, sabe, ela (a professora) pode me dar mais atenção, pra mim, individualmente.</p>
	<p>Aluno F Muito. Tipo, isso que eu fiz o ano inteiro e eu fui muito bem na matéria. Biologia, no terceiro trimestre, também, precisava de nota, e eu consegui muito mais do que eu precisava, então, dei uma folga aí, né?</p>
3) Além da Tutoria recebe ajuda de algum colega de turma ou da série? Caso a resposta seja positiva, explique como e por que começaram a estudar juntos.	<p>Aluno D Sim, recebi de vários amigos e várias amigas também que viram a minha dificuldade e ficaram do meu lado pra poder realmente me ajudar. Eles perceberam numa época que eu tava meio abalado porque o resultado não veio, e vendo isso eles “proporam” um dia ver como é que ia ser. “Proporam” testar, né? Pra ver se ia funcionar estudar junto, e aí, a gente foi estudou de fato e viu que tava fazendo efeito e continuamos estudando junto.</p>
	<p>Aluno E Sim, aluno A, ele já me ajudou em matemática, eu precisava, tipo, tirar 1,0 de 1,0 num teste em dupla e aí ele falou que fazia comigo para eu poder tirar 1,0, porque ele é o melhor aluno do ano e ele me ajudou.</p>
	<p>Aluno F Eu sei da facilidade de alguns amigos meus na, em determinadas matérias, e das minhas dificuldades, então, quando eu estudo com eles, eu realmente, eu entendo bem quando eles me explicam uma coisa que eles sabem bastante, sabem bastante.</p>

4) Em que situações você acha que aprende mais e melhor: Com seu professor, na Tutoria, ou com um colega, em diferentes momentos?	<p>Aluno D</p> <p>No meu caso, eu, os meus amigos “fez” mais a diferença. Eu prefiro, eu preferi, prefiro mesmo o estudo com meus amigos, com minhas amigas, eu acho que eu, de fato, faz mais efeito. Porque não sei, acho que a linguagem, o jeito que eles falam assim, o jeito que eles tão do meu lado, por eu sempre falar com eles, eu acho que eles têm uma maneira mais, não sei explicar, mais próxima ao meu jeito, assim, próxima ao meu, à minha facilidade de entender ou à minha dificuldade de entender.</p>
	<p>Aluno E</p> <p>Ah, eu acho que em Biologia, eu consigo entender melhor com a professora. Mas matemática, com colega. Porque eu acho que o professor às vezes não tem muita ideia de como é ser o aluno, ele não entende. Ele não, não, não sei se expliquei direito, mas é tipo o aluno A, ele sabe o que que as pessoas podem ter dificuldade, enquanto o professor não. Porque, tudo bem, ele sabe dar aula muito bem. Acho as aulas dele muito boas, inclusive, mas ele não tá na posição do aluno. Ele tá na posição do professor. Então, como o aluno A tá na posição do aluno, acho que ele entende melhor. Então, matemática eu consigo entender melhor é por um amigo. Mas biologia, por exemplo, não.</p>
	<p>Aluno F</p> <p>Isso varia muito, porque tem, às vezes o professor é um professor muito bom e ele, e eu tenho uma relação boa com ele, eu consigo entender melhor, mas quando é um amigo meu muito próximo, que é muito bom na matéria, eu também sinto bastante facilidade com eles. Então varia muito.</p>
5) Você gostaria de ser acompanhado por um monitor, lhe ajudando ao longo do ano em suas dificuldades? Justifique sua resposta.	<p>Aluno D</p> <p>Uma pergunta meio nova, mas eu acho que talvez sim. Talvez seja uma experiência nova. Talvez seja um fator muito importante, assim, que talvez agregasse muito no meu desenvolvimento durante o ano.</p>
	<p>Aluno E</p> <p>Sim, seria bom. Seria, porque às vezes eu tenho uma dúvida ou outra e aí, tipo, às vezes eu não tenho com quem tirar, porque às vezes, o professor não tá na escola ou alguma coisa assim, e também pra ele meio que me direcionar pro caminho certo.</p>
	<p>Aluno F</p> <p>Seria muito bom isso. Porque todo mundo tem dificuldade, então, gostaria muito de ter alguém sempre pegando no meu pé, tipo, tentando ajudar nessas dificuldades pra eu melhorar sempre.</p>

Apêndice 3

Modelo da autorização proposta aos responsáveis dos alunos entrevistados

AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

EU, _____, RESPONSÁVEL PELO(A)
ALUNO(A) _____, DA TURMA _____,
AUTORIZO MEU/MINHA FILHO(A) A SER ENTREVISTADO PELA PROFESSORA
MÁRCIA A. T. P. CAETANO, PARA FINS DE PESQUISA COM VISTAS À ELABORAÇÃO
DO TRABALHO FINAL DO CURSO DE **ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
JESUÍTICA: PRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

Rio de Janeiro, _____ de dezembro de 2017.
